

Emoção e moralidade em tempos de ruptura: o estupro nas relações conjugais nos romances sentimentais e suas comunidades de leitura

*Emotion and morality in times of rupture:
marital rape in sentimental novels and
their reading communities*

**Roberta Manuela Barros de Andrade¹,
Ricardo Augusto de Sabóia Feitosa²,
Erotilde Honório Silva³**

1. Graduada em Comunicação Social (1994), com mestrado (1997) e doutorado (2001) em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará, onde também realizou pós-doutorado no período de 2017 a 2018. Atualmente é professora associada da Universidade Estadual do Ceará, onde integra o corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia. **manubarrosster@gmail.com**

2. Graduado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará (2000), mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (2004) e doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (2014), com estágio doutoral no Instituto Universitário de Lisboa (bolsista Capes). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal de Pernambuco. <http://orcid.org/0000-0002-4095-5165> **ricsaboia@yahoo.com.br**

3. Possui graduação em História (1972) e Música (1976) pela Universidade Estadual do Ceará, bem como é graduada em Comunicação Social (1975) e Medicina (1980) pela Universidade Federal do Ceará. Tem mestrado (1990) e doutorado (1999) em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Atualmente é professora titular da Universidade de Fortaleza. **eroh@uol.com.br**

Resumo: A leitura de romances sentimentais é uma prática cultural que gera, nos sites especializados no gênero, uma série de discussões sobre a qualidade estética dessas obras. Porém, as avaliações dos fãs dessa literatura recaem, inevitavelmente, sobre julgamentos morais acerca do caráter e das ações das personagens. O sistema moral que a(o)s leitora(e)s utilizam para pensar o amor, o casamento e o sexo, contudo, demonstra indícios de rupturas, que podem ser claramente expressas no que se refere ao estupro conjugal, tema recorrente nos livros de amor mais populares, vendidos em banca de revista, publicados no Brasil nos anos de 1980. Estas obras atravessam o tempo, sendo consumidas por gerações de mulheres distintas de seu público de origem. Neste contexto, indagamos: de que forma as percepções de leitores de romances de amor sobre a violência conjugal refletem mudanças importantes nos códigos morais que orientam a sexualidade heterofeminina? Como tais códigos morais se alinham numa comunidade em que a extravagância emotiva é sua razão de ser? Como os parâmetros morais que regem o estupro conjugal são negociados, contestados e reformulados cruzando tempos e espaços sociais distintos? Busca-se compreender como códigos morais sobre o estupro conjugal circulam no espaço público, em uma comunidade emocional particular – a de leitores de histórias de amor do site *Adoro Romances*. A análise foi realizada a partir da seleção de postagens relativas a cinco obras de popularidade cujo enredo desemboca no estupro conjugal.

Palavras-chave: romance, moralidade, emoções, estupro conjugal, rupturas.

Abstract: The reading of sentimental novels is a cultural practice that, based on a deep emotional experience, generates, in the sites specialized in the genre, a series of discussions on the aesthetic quality of these works. However, the troubled ratings of the fans of this literature inevitably fall upon moral judgments about the characters' character and actions. However, the moral system that readers use to think about love, marriage and sex, central themes in this literature, shows ample evidence of ruptures, the most diverse. These ruptures can be clearly expressed in regard to conjugal rape, a recurring theme in the most popular love books sold in magazine banks, published in Brazil in the 1980s. These have gone through time, being eagerly consumed by

generations of women distinct from their original audience. In this context we ask ourselves: how do perceptions of love romance readers about conjugal rape reflect important changes in the moral codes that guide heterofeminine sexuality? How do such moral codes align themselves in a community in which emotional extravagance is their *raison d'être*? How are the moral parameters governing marital rape being negotiated, contested, and reformulated across different times and social spaces? In this sense, this work aims to understand how moral codes about marital rape, in the clear process of destabilization, circulate in the public space in a particular emotional community - that of love story readers. To accomplish this purpose, we chose as a search scenario the site *Adoro Romances*. The analysis was carried out from the selection of posts related to five works of popularity in the site, whose plot ends in the conjugal rape.

Keywords: romance, morality, emotions, marital rape, ruptures.

1. Romances sentimentais e regimes de moralidade

O hábito de ler romances sentimentais é uma prática cultural arraigada no cotidiano de milhares de indivíduos mundo afora. No Brasil, na listagem dos vinte livros mais vendidos no biênio 2015-2016, publicada pelo *Publishnews*¹, 40% dos exemplares ali nomeados pertenciam à categoria de romances sentimentais. Mas, o que garante tanta popularidade a este gênero literário?

Os romances sentimentais se caracterizam num culto às emoções, tanto mais prazeroso quanto intenso em seus leitores. As fãs do gênero pesquisadas por Andrade e Feitosa (2018) relatam, incessantemente, que o que alimenta a prática é o fato de sua narrativa provocar um amplo espectro de sentimentos que vai desde alegria, raiva, dor até ódio, frustração, tristeza, compaixão, além de propiciarem sensações físicas derivadas desta alta carga emocional como o “nó na garganta”, o “friozinho na barriga”, os suspiros, as lágrimas e a perda de fôlego.

1. O Publishnews é um site especializado em livros de todos os gêneros literários. Além de apresentar notícias sobre lançamentos e autores, o site publica semanalmente listas com os livros mais vendidos nas maiores livrarias brasileiras, divulgando também listagens mensais e anuais. Disponível em: <<https://www.publishnews.com.br/ranking/anual/9/2016/0/0> e <https://www.publishnews.com.br/ranking/anual/9/2015/0/0>>. Acesso em 03/09/2018.

Porém, a leitura de romances não revela apenas um exacerbamento emotivo em pleno processo civilizador². As emoções não surgem em espaços sociais neutros, são perpassadas por relações de poder, estruturas hierárquicas, demarcações de fronteiras entre grupos sociais e concepções de moralidade (CALHOUN E SOLOMON, 1996; CASTILLA DEL PINO, 2003). Em especial, as discussões sobre os repertórios morais presentes nos romances sentimentais acompanham a trajetória histórica do gênero. No século XIX, na Europa, assim como no Brasil, um dos mais importantes critérios de avaliação de uma obra literária era a moral insidiosa que o romance carregava consigo. A crítica literária julgava a avaliação moral das obras como critério fundamental para consumi-las ou descartá-las. Os romances publicados no século XIX eram considerados desde formadores do mais belo espírito cristão a depravados e frívolos³. Esta associação entre romances, em especial, romances sentimentais e moralidade, perpetua-se no século seguinte. No Brasil, a Coleção Biblioteca das Moças (1930-1960) era considerada, pelos círculos oficiais, uma leitura salutar por perpetuar nas moçoilas de antanho os mais edificantes princípios católicos (ANDRADE E SILVA, 2015).

Contudo, se a moral dominante pode ser descrita em um período de tempo preciso, para uma sociedade específica, ela não é necessariamente estável. Em todas as sociedades, a moral engloba uma demanda a que as pessoas aderem para compartilhar modelos de ação. As pessoas tratam as ações rotineiras – ações que conformam expectativas culturais – como moralmente direcionadas. A partir desse julgamento moral, a ação social se institui. Não é à toa que Werneck (2013) traça a sociologia da moral como fundamentalmente uma sociologia da agência. Entretanto, para aderirem aos quadros morais dominantes, os agentes devem ter em conta quais são as ações moralmente aceitáveis e quais são as condenáveis. Esta percepção é essencial a fim de que de não sermos julgados “moralmente suspeitos” por outros.

2. Elias (1993) nos mostra como, no decorrer do processo civilizador, a expressão das emoções foi excluída do palco da vida comunal e investida de sentimentos de vergonha. Esse controle é convertido em autocontrole cada vez mais estável, uniforme e generalizado, visto como marca de distinção e de prestígio.

3. Dutra e Mello, em 1844, faz a primeira resenha crítica de um romance brasileiro, ressaltando, no caso, o caráter moral edificante de *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo (MULLER, 2013).

O tipo de moralidade de adesão a uma rotina de expectativas ou, nas palavras de Robbins (2012), a “moralidade da reprodução”, é uma moral que espelha padrões já pré-existentes de comportamento. Estes padrões são normalmente invisíveis, localizando-se na superfície do social. Porém, em contraste com a moral da reprodução, existe a moral da liberdade. Esta se baseia no fato de que toda adesão a um código moral requer fazer escolhas, e muitas vezes, estas escolhas recaem entre modelos morais competitivos.

Para Robbins (2012), ambas as moralidades formatam a vida social. No entanto, como podemos determinar quando a vida social é governada pela moralidade da reprodução ou pela da liberdade? Esta última aparece quando as pessoas se confrontam com situações nas quais a aderência a um modelo de moralidade não é claramente o melhor caminho a ser seguido. Quando isso ocorre, estamos diante do que Zigon (2012) nomeia como *moral breakdown*, ou em outras palavras, estamos enfrentando uma ruptura moral, momento em que o sistema moral dominante está sendo violado, se desestabilizando ou se restabelecendo.

Desta forma, o que nos interessa fundamentalmente é nos debruçarmos sobre o papel dos sentimentos em momentos de ruptura moral em um espaço social específico. Para materializarmos nossa proposta nos detemos nos julgamentos morais realizados por fãs de romances sentimentais sobre a sexualidade feminina, que, nessas obras ficcionais, está fundamentalmente relacionada com o matrimônio e os ideais de amor romântico apaixonado que apregoa. Elegemos como objeto de reflexão os debates em torno da sexualidade porque ela está, na contemporaneidade, vinculada a inúmeros momentos de ruptura moral. Mudanças na forma como as pessoas fazem, pensam e sentem as relações sexuais e amorosas podem, inclusive, ser mapeadas em períodos históricos bem delineados.

No século XIX, por exemplo, há uma clara relação entre a reprodução biológica, permitida pelo ato sexual, e a expressão do amor romântico, definido a partir do casamento burguês. A relação sexual é, pois, uma parte importante do amor e do casamento, marcados ambos por relações baseadas em afinidade espiritual e companheirismo. No século XX, apesar desta visão ter um espaço ainda expressivo na sociedade, o sexo passa também a ser legitimado como domínio do prazer, estabelecido pelo consenso entre adultos, com ou sem

envolvimento romântico. No entanto, essas visões não convivem de forma harmoniosa entre si, as culturas contemporâneas vão lidar de maneiras distintas com essas duas perspectivas, formatando, inclusive, outros regimes de moralidade concorrentes.

No século XXI, essas múltiplas modalidades de viver as relações sexuais viajam rapidamente. Comportamentos íntimos, valores sexuais e conceitos de aceitação, consenso e acesso estão sendo reformatados à medida que se movem, atravessando países de forma física e virtual (DONNAN E MAGOWAN, 2010). No entanto, nestes passeios, que se expressam em vários produtos distintos da indústria cultural, dentre eles, a literatura sentimental, o sexo se estrutura dentro de modelos morais nem sempre unívocos, claros e inequívocos. Neste contexto, os códigos morais sobre a sexualidade feminina que sustentam os romances sentimentais são contraditórios, revelando padrões morais vigentes no século XIX que entram em um processo de bricolagem disforme e exacerbadamente conflituoso com referências morais oriundas da dita “revolução sexual” do século XX.

Este é o caso dos romances sentimentais populares, vendidos em banca de revista, de origem inglesa e canadense, que circulavam no Brasil nos anos de 1980, reunidos nas coleções *Julia*, *Bianca* e *Sabrina* que se tornaram sinônimos de romances sentimentais de banca e ícones de uma geração. Durante mais de duas décadas, os lançamentos dessas coleções eram esperados com ansiedade por suas leitoras. Os livros, lidos nos ambientes domésticos e públicos, eram consumidos rapidamente, e mais rapidamente ainda se tornavam objeto de troca e empréstimos entre os fãs do gênero (ANDRADE E SILVA, 2014, 2013). O êxito comercial destas coleções foi tamanho⁴ que, até hoje, nos sites que publicizam tais romances, elas ainda estão entre as mais procuradas pelas fãs do gênero.

No que concerne a esta pesquisa, debruçamos nosso interesse nas coleções deste período que guardam como temática central as dificuldades encontradas pelos amantes após o matrimônio. Em especial, selecionamos obras nas quais essas dificuldades incluem como um dos fatores de conflito da relação

4. Nos anos de 1980, a tiragem dos *Romances com Coração*, como eram denominados, chegou a atingir a marca de 600 mil exemplares ao mês (SILVA, 1994).

o estupro conjugal⁵, prática recorrente em relações conjugais abusivas – também denominado de sexo cedido e/ou obrigado, que no Brasil, ainda guarda uma notória invisibilidade social. *A violência sexual, especialmente a coerção e/ou violência sexual praticada por parceiro íntimo no âmbito privado, está pouco evidenciada ou inexistente nas estatísticas disponíveis* (BERGER-DANTAS e GIFFIN, 2005, p.419) porque ela está escondida em outros itens como lesões corporais.

Se na vida cotidiana das leitoras de romances de amor, este tipo de violência conjugal é tornado invisível por uma ordem social de tradição patriarcal, como é o caso da brasileira, na qual o sexo faz parte dos deveres conjugais, nos romances sentimentais dos anos de 1980, o aparecimento de estupros conjugais era uma criação do enredo comum que, aparentemente, não destoava dos ideais românticos apaixonados que esta literatura encampava. Nas obras das décadas de 1980, um dos desenvolvimentos narrativos mais populares entre os leitores do gênero era o casamento forçado ou de conveniência nos quais as mocinhas recebiam atenções sexuais indesejadas de seus consortes. Em quase todos os casos, tratava-se de “moças virgens” que, em inúmeros enredos, iniciavam sua vida sexual com seus maridos a partir de uma relação sexual sem consentimento, na qual a violência física e psicológica estava presente.

Entretantes, se na década de 1980, o código moral que legitimava o uso de violência física nas relações sexuais conjugais não era colocado na berlinda,

5. Ao tratarmos do estupro conjugal, ressaltamos, seguindo Dantas-Berger e Giffin (2005, p. 417), que “a compreensão da violência contra mulheres ganha mais sentido ao adotarmos uma análise que considere as condições em que histórica e socialmente se constroem e estabelecem as relações sociais de sexo, ou seja, quando analisada sob a perspectiva de gênero”. Para as autoras, “considerando-se a complexidade do fenômeno da violência contra mulheres e o lugar que ocupa numa rede de violência maior ou estrutural, não se pode perder de vista sua interseção com outros fatores determinantes, ‘gramáticas sociais’ ou ‘sistemas de mediação social’, como classe social, raça/etnia, as leis e representações sociais”. Elas lembram ainda que “a Conferência de Direitos Humanos de 1993 gerou uma definição oficial das Nações Unidas sobre a violência contra a mulher: ‘*todo ato de violência de gênero que resulte em, ou possa resultar em dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico da mulher, incluindo a ameaça de tais atos, a coerção ou a privação arbitrária da liberdade, tanto na vida pública como na vida privada*’”.

tornando tais obras um sucesso editorial, na primeira década do século XXI, esses livros ao serem lidos ou re-lidos pelas fãs do gênero têm sua legitimidade no interior da literatura sentimental desafiada. Os sites de discussão do gênero revelam que o debate em torno dessas obras media um processo de ruptura moral em curso. Os critérios que alocam os livros considerados “*perfeitos*” do gênero se reconstróem a partir do momento em que os códigos morais que os sustentam são postos em discussão.

Assim, se a moralidade é, como acredita Boltanski (1999), constituída nos pequenos diálogos cotidianos, as narrativas construídas em torno dessas obras, pelas fãs do gênero, em ambientes virtuais, são um importante espaço de análise para compreendermos como os códigos morais estão presentes no discurso de leitores de histórias de amor sobre a sexualidade feminina em uma situação de intenso conflito no qual rupturas morais estão em curso. Neste contexto, indagamos: de que forma as percepções de leitores de romances sobre o estupro conjugal refletem mudanças importantes nos códigos morais que orientam a sexualidade heterofeminina? Em que medida a discussão em torno desses códigos morais se constitui em um momento de ruptura moral com os padrões conservadores que unem sexo, amor e casamento? Como os parâmetros morais que regem o estupro conjugal estão sendo negociados, contestados e reformulados?

Estes questionamentos nos ajudam a esclarecer como os códigos morais sobre a sexualidade heteronormativa feminina circulam no espaço público em uma comunidade emocional particular a partir da discussão sobre obras literárias publicadas há cerca de trinta anos e cujo consumo continua atravessando gerações distintas das de seu público de origem. Essas comunidades emocionais são percebidas, nesta pesquisa, na mesma acepção de Koury (2003), isto é, como espaços sociais nos quais a sociabilidade se funda no compartilhamento de emoções. Se para Koury (2003), o espaço público é definido como lugar do *socius*, se organizando de forma impessoal, racional e objetiva, a existência dessas páginas de discussão na internet nos permite entrever a existência de comunidades que tem a sua vivência condicionada ao espaço público, mas que, paradoxalmente, constróem, no interior desse espaço, interações de cunho profundamente emocional. Nessas comunidades, está em destaque as disputas pelo direito de

experenciar emoções a partir de uma prática cultural que, há pelo menos dois séculos, desde a disseminação de hábitos de leitura entre as mulheres, através da leitura de romances sentimentais, é desautorizada pelos círculos cultos.

A emoção é, como nos lembra Breton (2009), um acontecimento que está sediado no indivíduo e decorre da interpretação e significação que ele faz de uma determinada situação. Contudo, essa significação ocorre com base na identificação com outros indivíduos, a partir de uma sociabilidade que demarca o que sentir, como sentir e de que forma se deve expressar emoções. Neste sentido, compreendemos a emoção inoculada pela leitura de romances como decorrente, em parte, das orientações estruturais encontradas nos protocolos de leitura⁶ desses romances mas também, em parte, experienciada pelos leitores a partir do compartilhamento de uma sociabilidade, engendrada pelas comunidades emocionais das quais estes leitores participam. Assim, o ato de se emocionar com um romance se inscreve sobre uma teia de sentimentos dirigidos diretamente a outros, e acarretados pela interação com os outros em um contexto social e cultural determinado (KOURY, 2004).

Partimos da premissa que a linguagem eminentemente emocional dos romances de amor cria laços entre pessoas das mais diferentes capitais sociais, políticos e econômicos, tecendo vínculos de identidade e reconhecimento entre aqueles que experimentam os seus efeitos. Esses vínculos são expressos publicamente nas postagens encontradas nas páginas na rede que tematizam o estupro conjugal, objeto de reflexão dessa pesquisa. Acreditamos que tal viés pode contribuir para esclarecer um pouco mais sobre o lugar dos sentimentos nos diferentes modelos morais que orientam a sexualidade feminina na contemporaneidade. Assim, à medida que o sexo viaja, cruzando culturas, tempos e espaços distintos, podemos perceber como visões, práticas e crenças sobre a sexualidade são reafirmadas, contestadas, subvertidas e reinventadas em uma situação de intenso conflito moral.

6. Protocolos de leitura são características intrínsecas a um texto e sua impressão que pretendem assegurar, ou ao menos indicar, a correta interpretação que se deveria dar a ele. No texto, há determinados elementos que o autor dissemina que orientam sua leitura em uma direção ao mesmo tempo em que esta orientação se completa na própria matéria tipográfica (CHARTIER, 1988).

Para materializar esta reflexão, tomamos como cenário de estudo uma comunidade de discussão de romances sentimentais denominada *Adoro Romances*⁷, criada em 2004, e em funcionamento até hoje. O site é pioneiro do gênero no Brasil, possuindo o maior acervo de livros sentimentais do país e, apesar da enorme concorrência de outros sites semelhantes, continua a ser um dos mais bem cotados pelas fãs desses romances. Os depoimentos das usuárias, no interior deste site, bem como em outros semelhantes, ao fazerem referência à qualidade dos sítios disponível na internet, sempre citam suas preferências pelo *Adoro Romances*, em detrimento de outros também disponíveis sobre o assunto na rede. Como tantos outros de seus congêneres, o sítio virtual divulga, discute e publiciza um enorme manancial de romances sentimentais, chegando, inclusive, a disponibilizar muitas obras ali comentadas para download gratuito.

A página permite postagens das fãs⁸ acerca dos livros publicizados que giram, primordialmente, em torno de apreciações estéticas das obras (enredo, personagens, cenários, capas). Tais postagens, que podem ser visualizadas nas páginas desse site, são consideradas por nós como narrativas, isto é, como um caminho no qual as pessoas fazem, refazem, articulam, interpretam e chegam a entender e dar significado às suas vidas (ZIGON, 2012), o que as tornam vitais para compreendermos não só uma lógica social, mas como ela configura moralidades em particular.

No *Adoro Romances*, a relação de livros de romances sentimentais compreende 160 páginas, com 12 *links* de obras por página, o que dá em torno de 1900 obras comentadas, e pelo menos, mais da metade delas, disponível para *download*. Assim, devido à enorme quantidade de postagens, entre os anos de 2004 e 2018, que cada um desses livros carrega consigo, selecionamos apenas, para fins de análise, as postagens relativas a cinco obras de popularidade no

7. Disponível em: <www.adororomances.com.br>.

8. Os romances sentimentais são, praticamente, o único gênero literário cujo consumo é eminentemente feminino. No entanto, as pesquisas de Regis (2007) salientam que em 2000, 41,4 milhões de pessoas (incluindo 3,5 milhões de homens), 18% da comunidade de leitores norte-americana estava lendo um romance sentimental.

site, que giram em torno de um casamento forçado ou uma relação similar⁹ cujo desenrolar recai na efetivação do estupro conjugal. Porém, por detrás da análise dessas postagens, está, sem sombra de dúvida, o que a literatura tem cunhado como etnografia virtual.

O termo tem tentado dar conta do surgimento de objetos de estudo, envoltos nas chamadas novas tecnologias da comunicação e da informação, que necessitam de novos procedimentos metodológicos para a sua compreensão. Neste contexto, coloca-se, de forma central, a questão de como pesquisar os referidos blogs, analisando suas postagens, estabelecendo formas de identificar sua configuração, de mapear a teia de relações que se criam e recriam nestes espaços e de decifrar as dinâmicas que estes dão suporte. Os novos regimes de leitura, presentes nos sites especializados em livros sentimentais, evidenciam interações que se fazem e refazem em um ambiente social extremamente fluido e ao mesmo tempo impregnado de representações que obedecem a certo compartilhamento de práticas e de discursos que orientam a dinâmica destes blogs, configurando não só velhas e novas formas de lidar com o livro mas também de como pensar as representações sobre a sexualidade hetero feminina que trazem em seu bojo.

Neste sentido, faz-se necessário, como bem o lembrou Malinowski (1978), aplicar certos métodos especiais de coleta, manipulação e de registro de dados. Da mesma forma, é imprescindível alimentar a descrição densa, defendida por Geertz (1989), que requer respeitar o princípio da totalidade mas também realizar uma estratificação hierárquica de estruturas conceituais complexas, sobrepostas e interligadas que compõem, no nosso caso específico, os blogs especializados em romances sentimentais e as respectivas postagens a que dão lugar. A descrição dessas mensagens e interações sociais viabiliza a apreensão de aspectos da cultura de leitura dos livros sentimentais na rede porque permite ao pesquisador elaborar a posteriori uma descrição densa do ambiente,

9. Nomeadamente: *Tudo Aconteceu em Paris* (Marjorie Lewty), *Encontro com o destino* (Kay Thorpe), *Suspeita* (Sarah Roland), *Um homem sem Compaixão* (Anne Hampson) e *A Carícia do Vento* (Janet Dailey). Esta última é a única obra cujos protagonistas não contraíram matrimônio, porém, eles têm uma relação muito similar a esta experiência, por isso, está locada aqui.

o que demanda uma compreensão detalhada dos significados compartilhados por seus membros e da rede de significação em questão.

As postagens, por exemplo, dos fãs do gênero, tanto podem ser captadas no momento mesmo em que estão ocorrendo bem como, graças às possibilidades de backup que os arquivos digitais oferecem, serem captadas de forma *offline*, o que permite seu acesso *pos facto*. Foi por este último viés que este estudo se deu. Neste contexto, penetramos, pois, em uma interação social congelada no tempo, permitida graças aos recursos *offline* que o ambiente virtual suporta. Para fins desta pesquisa, nos utilizamos desta participação invisível, pois, esta facilitou, em várias instâncias, o entendimento da lógica que fomenta os usos desses sites.

2. Emoções negociadas e a violência conjugal

No site *Adoro Romances*, a emoção é a tônica das narrativas que ali são construídas pelas fãs do gênero. A estrutura dramática presente nestes romances está centrada na construção de certa cultura dos sentimentos, louvada e exacerbada. Essa “extravagância emotiva” se impõe a partir de uma estrutura que apresenta sentimentos e emoções desregrados, o que exige dos seus leitores uma réplica em risos, prantos, suores, palpitações e estremecimentos.

Entretanto, a experiência emocional provocada pela leitura de romances de amor, bem como os seus desdobramentos em comunidades virtuais adquirem significados particulares dentro de regras sociais e culturais instituídas que valoram o teor moral da obra em detrimentos de outras qualidades estéticas. Porém, a emissão de juízos morais não é unívoca, entra em um embate claro à medida que as situações descritas nos livros que geraram os códigos morais ali presentes criam discordâncias, construindo zonas de conflito. Estes conflitos revelam, pois, momentos de ruptura moral.

No caso do estupro conjugal, os conflitos morais se tornam mais claros porque as obras em questão estão sendo avaliadas não somente de formas distintas bem como, muitas vezes, diametralmente opostas. Assim, vemos morais conflitantes que desfilam nas postagens que repercutem na avaliação positiva ou negativa sobre as obras pesquisadas. Neste contexto, para aquelas, por

exemplo, que amaram esses livros na adolescência, a segunda leitura ainda parece guardar os mesmos encantos. Ainda que essas leitoras vivam em uma sociedade cuja moral dominante condene atos de violência conjugal, a carga emocional que o livro carrega consigo ultrapassa reflexões de cunho moralmente negativo sobre as atitudes tomadas pelos protagonistas das obras. Para essas leitoras, o estupro, ou qualquer tipo de violência sexual ou psicológica perpetrada pelos protagonistas, sequer é referida em suas avaliações estéticas.

O livro, ao provocar o frio na barriga, os suspiros, as lágrimas, ao guardar emoção, enfim, tem seu valor resguardado como *lindo, adorável, fantástico, muito belo, maravilhoso, perfeitíssimo, fofo, tudo de bom, massa, delícia, sensacional, viciante, apaixonante, lindo de viver, espetacular, emocionante*. É objeto, pois, de intensas e emotivas releituras. O princípio moral que foi firmado no período em que o livro foi lançado, no qual o estupro conjugal guardava ampla invisibilidade social, apoiado nos parâmetros de moralidade de uma sociedade patriarcal e machista, permanece.

Amo!! Já até perdi a conta de quanta vezes eu o li. Sinto as mesmas emoções de quando o li pela primeira vez: Aperto no peito, friozinho na barriga. Ai...o Leon! Que homem, meu Deus? Tudo de bom (ANÔNIMO, 13/09/2015)

Foi um dos primeiros livros que eu li, e é o que eu nunca esqueci. É lindo, perfeito, um dos melhores que eu já li até hj, leiam gente, vcs não iram si arrepender! Maravilhoso. (KATIA, 28/01/2014)

De acordo. Eu o considero o meu Júlia nº1. Amo muito esse livro, jamais vou esquecê-lo(..) Releio-o no mínimo duas vezes por ano. (ADRIALVES, 29/01/2014)

Li esse livro quando tinha 16 anos. É simplesmente MARAVILHOSO... Agora com 24 anos e encontrei ele na estante de livros da minha casa, li de novo só numa manhã RECOMENDADO. (THAISE, 12/11/2012)¹⁰

10. Optamos por transcrever literalmente os textos selecionados para análise.

Entretanto, nem sempre as postagens ignoram a existência do estupro conjugal nos enredos desses romances. Em muitos depoimentos, apesar de existir um juízo moral sobre o comportamento violento do protagonista, admitindo-se até que houve violência conjugal e que se trata de uma atitude moralmente condenável, tal avaliação não descaracteriza a obra como *intensa, perfeita, ardente, romântica* ou *apaixonada*. A emoção que a leitura propicia sobrepõe-se ao julgamento negativo das ações morais das personagens. Para essas leitoras, o enredo de um livro sentimental guardar cenas de estupro conjugal não é uma questão que perturbe majoritariamente o prazer que a leitura carrega consigo.

É uma história para corações ardentes, mas, nem todas as mulheres admitem este tratamento não. Os caras de hoje se vacilarem assim acabam no xadrez. Mesmo assim amei a historia, faz você se envolver, te prende a atenção (NETE, 06/04/2012)

Apesar do incidente grave da noite de núpcias, eu gostei fazer o quê?... Eu aprovo (a leitura)....(PAULA03/11/2014)

História bem desenvolvida, com momentos de ternura...e outros nem tanto, o mocinho toma a mocinha a força...fora isso é mto bom de ler...a mocinha as vezes se faz valer, e não dá o braço a torcer...gostei. (SIMÕES, 11/11/2012)

No caso das obras citadas, para muitas de suas leitoras, o fato de considerarem que a leitura aciona a descarga emocional esperada da narrativa, torna os heróis *sensacionais, maravilhosos, tudo de bom, persistentes, românticos e determinados*. As cenas em que os protagonistas usam de violência física e psicológica durante o ato sexual, não permitindo às mocinhas fazer valer o seu direito de “dizer não” não os descaracteriza como os mocinhos da história¹¹.

11. Uma compreensão mais rigorosa deste aspecto exige situar a construção das narrativas e as expectativas das leitoras a partir de uma negociação em que tais mocinhos devem manter características idealizadas (paixão, beleza, charme etc) típicas dessa produção literária, mas enquadradas

No entanto, apesar de muitas leitoras considerarem que as obras em questão atendem às expectativas do gênero literário, sendo bem escritas, verossímeis, tendo uma trama considerada interessante, exalando emoção, elas podem ainda assim serem avaliadas como *ruins*. Esta reação ocorre quando o princípio moral sobre o qual o livro se fundamenta (no caso o estupro conjugal ou sexo cedido e /ou obrigado) desponta na trama como tendo um papel importante dentro dela que deve ser levado em conta. Aqui, a orientação patriarcal que aloca o estupro conjugal como socialmente aceitável começa a demonstrar os primeiros sinais de sua desestabilização.

Sempre resisti em ler esse livro, por conta dos comentários que remete a fatos chocantes, acabei lendo e não gostei. Concordo inteiramente com os comentários do anônimo aí de cima. É que por ser um livro bem escrito, realmente intenso, tem seu calor, mas é uma estória absurdamente abusiva, a mocinha é estuprada em duas ocasiões e só uma síndrome de Estocolmo aguda explicaria o amor em tal condição. (LULU, 28/10/2017)

A história é boa, tem um começo interessante e o envolvimento dos personagens fica verossímil. Porém, tem suas escorregadelas. A primeira noite de amor deles é descrita com pouquíssimos detalhes. Depois do ato, ele a larga sozinha, tratando-a como se fosse uma boneca inflável, que só servia para sexo. Mas isso não foi tudo. Em outra noite, ele simplesmente se “descontrolou” e a violentou....(ELAINE, 06/04/2012)

Entrementes, para outros, quando o estupro conjugal aparece, o livro deixa de ter qualquer valor estético positivo. O aparecimento de um conflito moral entre os valores que movem seus autores no que diz respeito às relações conjugais e aqueles partilhados por sua comunidade de leitura acaba gerando avaliações

numa expectativa hegemônica dos papéis de gênero, notadamente de uma masculinidade que não permite qualquer associação à feminilidade ou a uma perda de virilidade. Tal processo leva algumas leitoras a relativizar os atos violentos dos protagonistas, e outras a questionar tal modelo de “homem”/“mocinho”, como veremos a seguir.

totalmente negativas sobre tais obras. Aqui, o embate se dá a partir de um conflito entre morais concorrentes. É neste momento que a moral da escolha, da liberdade (ROBBINS, 1992), pode ser identificada nas postagens. Quando isso acontece, as expectativas em relação ao gênero literário são totalmente subvertidas e o prazer não é mais encontrado no desenvolvimento da leitura.

A história de amor, que deve carregar necessariamente a moral romântica, deixa de guardar romance, carinho, cenas de afeto e companheirismo. Quando o estupro conjugal acontece, há uma ruptura moral com esses ideários. Para muitas de suas leitoras, a ruptura provoca uma virada radical em suas percepções sobre romance, casamento, amor e sexo e, portanto, no julgamento do valor estético dos livros sobre os quais estão se debruçando aquele momento.

Neste caso, o estupro provoca uma ruptura moral com os padrões de avaliação das obras. A emoção que elas provocariam não aciona mais os prazeres estéticos. As obras passam a ser vistas como *horríveis, revoltantes, um lixo, nojentas, porcaria*. A compreensão de que o enredo fere padrões morais que se vinculam a noções pré-existentes de como as relações entre os sexos devem acontecer dentro e fora das relações conjugais inaugura as valorações negativas dessas obras.

Pelos comentários esperava muito mais! Que livro odioso...aff!! O livro tem menos de 90 páginas e bem mais da metade a mocinha passa literalmente odiando o mocinho, não há romance, não há carinho, não há cenas de afeto. A primeira vez deles é péssima, muitas autoras gostam de colocar um sexo meio forçado, mas aqui foi estupro sim, sem qualquer desejo ou emoção! O amor não convence, porque simplesmente surge entre duas ou três páginas. Repito, livro odioso!!!! (RAFAELA, 03/06/2016)

Ai meu Deus! Que mania que essas autoras tem em colocar cenas de ESTUPRO e Violência gratuita e, dizer que a mocinha depois gostou e participou. ABSURDO, parem com isso, por favor! Isso só denigre a nós mulheres. Agressão não é amor. Eu entendi o atormentado mocinho mas foi totalmente desnecessário. A mocinha só o ajuda e ele só a agride. Êita sofrência (ROSE, 26/07/2017).

Para muitas leitoras, quando há uma ruptura moral em relação ao modo como as relações sexuais devem ser desenvolver no âmbito conjugal, o comportamento do protagonista, minuciosamente observado pelas fãs do gênero, passa a ser escrutinado de acordo com certas singularidades de caráter que devem ser encontradas no amante apaixonado. É importante lembrar que os romances sentimentais formatam narrativas que englobam os ideários do amor romântico apaixonado. Até a entrada do amor romântico em cena, em meados do século XIX, o matrimônio era uma das operações comerciais mais importantes para pessoas de todos os níveis sociais. Contudo, a proposta do amor romântico vai revolucionar este contexto ao requerer a ideia de que o casamento não é apenas a conjunção de interesses familiares, mas um lugar social no qual pode haver satisfação emocional e sexual entre os cônjuges (ILLOUZ, 2009). A felicidade não só parte de uma escolha como também pode encontrar lugar nas relações entre os pares. Todavia, como é que se chega a este ideário?

O amor romântico é representado como aquele que conjuga sexo, amor e casamento, propondo um amor recíproco e indissolúvel cuja finalidade última é a felicidade. A satisfação esperada é emocional, além de sexual. Porém, se a inclusão da sexualidade nesta semântica já estava presente pelo menos desde o século XVIII, no entanto, foi somente com o amor romântico que se tornou possível uma integração de ambos (ARIÈS, 1987). Neste sentido, o componente sexual é percebido como essencial para o código amoroso. O relacionamento amoroso não se forma entre um casal formado a partir da decisão familiar, mas sim, entre dois indivíduos que se escolhem livremente em função de suas particularidades, compartilhando amor e desejo sexual.

A respeito disso, Illouz (2009) lembra que se o amor romântico antecede o capitalismo, ele articula uma de seus temas ideológicos principais: o da soberania do indivíduo frente ao grupo e a diferenciação entre sentimentos e interesses, entre egoísmo e altruísmo, vigentes na esfera privada e pública, respectivamente. Ao proclamar a soberania das relações humanas governadas pela entrega desinteressada do próprio ser, o amor não só ressalta a fusão de corpos e almas individuais, mas também abre a possibilidade de uma ordem social alternativa que ao mesmo tempo promete e exige um mundo melhor.

Entretanto, inequivocamente, o amor romântico só se cristaliza quando seu ideário se difundiu para milhares de mulheres através das novelas sentimentais, o que inclui a existência de determinadas características vitais para configurar o protagonista como mocinho de uma boa história de amor tais como companheirismo, respeito, cumplicidade e consenso. Neste cenário, o comportamento violento do protagonista, durante as relações sexuais, leva muitas dessas leitoras a considerarem o caráter dos protagonistas não mais como romântico ou apaixonado e sim como *maníaco, rude, grosseiro, moralmente doentio e criminoso*.

Aff, esse não é o tipo de mocinho q gosto de ver nas histórias; a rudeza dele, em princípio, parecia q se transformaria em algo bacana, mas, qdo ele [spoiler] violentou a mocinha (pelo menos foi o q deu a entender) e continuou tratando-a mal, [/spoiler] perdeu o encanto. Li melhores... (MAGA, 30/07/2013).

Gente, sou só eu ou alguém mais acha que ele deveria ser preso por violência doméstica e estupro???? Não consegui ler mais do que 1 quarto do livro, isso na esperança de que melhorasse. (ANÔNIMO, 10/08/2018).

Assim, a mesma cena de uma obra pode repercutir de forma moralmente oposta em seus leitores. Quando códigos morais são violados ou desestabilizados, lembra Throop (2012), é possível, reavaliar, transformar e reconfigurar aspectos de um sistema moral, pondo em debate ou trazendo à luz, elementos conflituosos ali presentes. Quando tratamos da formatação de uma moralidade que se debruça sobre um fenômeno ainda amplamente invisível no social como o estupro conjugal, a configuração de um repertório em comum que sirva como orientação para a ação social se torna extremamente complexo. Isto pode ser observado com clareza nas postagens que se referem a uma mesma cena posta em discussão nas páginas do site.

Para Ana, a primeira noite de sexo entre os cônjuges da história sobre a qual estão fazendo julgamentos morais, não é uma violação da mulher, tratando-se apenas de uma falta de controle do protagonista, plenamente justificável,

uma vez que ele ama a mocinha de verdade. No entanto, segunda Anna, a cena revela uma violência de gênero. Para esta leitora, a mulher deve sentir prazer na relação sexual, não sendo apenas o alvo do desejo do homem que não consegue controlar seus atos. O ato de violar a mulher, isto é, agir contra e a sua vontade, forçando a mulher a ter relações sexuais é moralmente condenável. Aqui, temos duas morais concorrentes claramente expostas que, ao final, definem o valor que a obra em questão deve ter para cada uma dessas leitoras.

Outro romance que aborda personagens mais humanos, com limitações e defeitos. Ele é maduro e poderoso, mas fica todo perdido perto dela. Amei! Porque ele a ama demais e o fato de não ter se controlado na 1ª vez não diminui em nada seu amor por ela (ANA, 04/05/2011).

Fiquei desapontada, pelos comentários achei q seria muito diferente. A primeira vez deles e horrível. Da pra entender não sair tudo perfeito, mas achar natural essa história de que o homem não consegue parar e aceitar como natural a total falta de prazer da mulher é o fim (ANA, 02/01/2011).

Quando indivíduos articulam sua moral em narrativas ou negociam uma ruptura moral, eles o fazem em diferentes caminhos que são pessoal e socialmente organizados. Os indivíduos negociam a tensão entre experiências pessoais e coletivas em um mundo sociocultural particular, no entanto, concebem este mundo como socialmente partilhado (ZIGON, 2012). Assim, quando seus valores morais não são reafirmados pela comunidade na qual os indivíduos se configuram como agentes sociais, surge o espanto, a surpresa, a perturbação por suas crenças não serem comuns a todos os integrantes do site.

Uma das características marcantes nas narrativas dessas mulheres é a crença de que seu repertório moral é socialmente aceito e legitimado e que, portanto, deve ser partilhado por todas as mulheres que compõem esta comunidade virtual e até mesmo pelas que vivem além dessas fronteiras virtuais. Neste caso, a percepção de que o comportamento tanto do violador quanto da vítima é considerado *ruim*, *péssimo*, *doentio*, *tortuoso* etc deveria ser um preceito

seguido por todos. Assim, muitas dessas leitoras se chocam quando percebem que seu repertório moral que condena o estupro conjugal em romances sentimentais não é seguido por todas as usuárias do site.

Gente o que vcs viram nesse livro? É péssimo, o “mocinho” estupra ela, machuca ela o livro inteiro e ela, tonta como é, ainda beija ele, não sei quem eu mato primeiro ela, ele ou a escritora! Uh que ódio aff... desabafei pelo menos...(KELLY, 10/04/2013)

Eu não entendo como um livro no qual o homem força a mulher a fazer sexo pode ser considerado bom mas parece que é uma tendência nesses livros da década de 70, 80...não acho nada romântico e fico muito revoltada com livros onde as mulheres são tratadas dessa forma (LUCY, 07/03/2013).

Esse livro é horrível, mocinha fraca, poderia dizer doente, pois quem se submete a ser abusada, espancada estuprada, maltratada por um homem e ainda consegue encontrar desculpas para tais atos vis, deve ter algum problema psicológico grave e desculpe a franqueza, mas quem gostou desse mocinho deve ser masoquista (TEIA, 26/05/2015).

No entanto, o objeto de tanta polêmica no *site*, nem sempre é visto como estupro. A violência ou coação física durante o ato sexual, se para algumas leitoras é inegavelmente estupro, para outras, é o desenvolvimento natural quando o casal está em uma contenda. O uso de força física durante a relação sexual é um “pega normal”. Por outro lado, se há o reconhecimento do ato, há tentativas de justificação de sua legitimidade. Quando a mulher “provoca demais” o homem, inclusive batendo nele, a reação natural do homem seria o revide que recai sobre a coação no ato sexual.

Ela é muuuuuito cabeça dura, ele perde a paciência, mas não achei nenhum lance de estupro. Acho que começavam brigando e terminavam num “pega” normal. (ADRIANA F, 13/11/2015)

Mesmo tendo havido estupro na primeira vez deles, ela o provocou muito, inclusive batendo nele. Final lindo. Vale a pena ler. (LUCI, 23/ 12/2016)

Porém, a legitimação do estupro nas relações conjugais não se dá apenas por este viés. O amor é, frequentemente, usado para justificar a violência. Para muitas pessoas, o ciúme, o controle e o sentimento de posse se confundem com amor, orgulho e cuidado (ARAÚJO, 2003). Trata-se de uma clara moral da reprodução (ROBBINS, 2012) que reflete uma série de expectativas culturais presentes na sociedade brasileira sobre como deve se desenrolar a relação a dois. A percepção de que as brigas entre casais são normais e naturais em uma relação apaixonada, ainda que resultem em atos violentos, se reproduz em muitos depoimentos expressos no site, inclusive no que se refere à violação sexual durante o casamento. A noção de que o amor justificaria tudo, até mesmo o estupro conjugal é recorrente nas postagens. No entanto, esta percepção também entra em disputa no site. Nem todas as usuárias concebem o amor¹² como elemento legitimador de uma violência psicológica, física ou sexual.

Sendo sincera, este livro mostra a realidade das brigas de muitos casais de hoje em dia por culpa do orgulho. Mas, não gostei dele ter praticamente forçado ela a ter relação sexual com ele. (GEO, 26/09/2015)

Gostei mto do livro, apesar de achar o Adam meio troglodita e fechadão, tratando a Polly como se fosse um capacho, meu pai eterno que é isso!- Mesmo se amasse não aceitaria não. (ROSI, 07/04/2012)

Os depoimentos também revelam que enfrentar o estuprador é importante para o encaminhamento da narrativa. Não se trata apenas de ser estuprada, mas, de como a mulher reage à violência e até mesmo como o homem violento deve se comportar após o ato a fim de que a estória termine como se deve. Há uma etiqueta a ser desenvolvida tanto no caso do violador quanto da sua vítima. A

12. Para uma abordagem da construção social do amor e das relações amorosas na modernidade, cf. Ilouz (2012).

mocinha da história deve reagir com força e determinação, repudiando o ato e não dando o braço a torcer. Enquanto isso, o mocinho deve pedir desculpas, “comer o pão que o diabo amassou”, se humilhar e “correr atrás”. Quando esta lógica é efetuada, o princípio do prazer retorna à narrativa e ela pode ser finalizada com a recompensa do final feliz.

Fiquei esperando pelo menos por um pedido de desculpas até o final do livro mas não encontrei. Agora se fosse comigo, eu não perdoaria tão facilmente, não! Esse Adam ia ter que comer o pão que o diabo amassou para obter o meu perdão! E ia ter que começar com um belo pedido de desculpas! (ELAINE, 06/04/2012)

Apesar dele ser violento e violentá-la, maltratá-la o tempo inteiro, a rejeição dele pra mim falou mais alto que tudo (...) E Al foi forte em tudo. Mesmo grávida não deu o braço a torcer, ele que teve que correr atrás no fim e pedir perdão, se humilhou chorou (NETE, 06/04/2012)

Nas avaliações também persiste a ideia de que a obra é uma fantasia que nada tem a ver com a vida real e que, portanto, juízos morais devem ser suspensos a fim de que a história possa ser apreciada como se deve. Há um apelo a fim de que o repertório moral, parâmetro de orientação das ações rotineiras, seja afastado da leitura. Niobe (24/04/2017) espelha este ponto de vista. Para ela, a obra ficcional é uma fantasia que não guarda referências com a vida cotidiana. Fantasiar sobre estupro não é querer que se realize ou aturar tal comportamento na vida real.

Considerações finais

Neste contexto, se as moralidades que regem a sexualidade feminina no interior das relações conjugais estão embebidas no social, este estudo foi interessante ao nos indicar como distintas visões sobre moralidades, no caso do estupro conjugal, em tempos de ruptura moral, estão circulando e sendo postas em debate em uma comunidade emocional específica- a de leitura de romances

sentimentais. Assim, a leitura de romances tem, inegavelmente, a capacidade de mediar modelos morais, configurando, reafirmando ou contestando valores.

A pesquisa ajudou-nos a refletir sobre como os parâmetros que regem a intimidade de um casal podem ser postos em debate, atravessando culturas, gêneros e gerações. O que os depoimentos deixam claro é que a moralidade que rege as relações sexuais conjugais é fluida, sendo ora reafirmada, ora contestada ou subvertida a partir de padrões culturais específicos. Neste sentido, as moralidades que regem a intimidade em um contexto conjugal são categorias plurais que contribuem para uma série de visões distintas sobre o que seja o casamento, o amor e o sexo nele envolvidos.

O fato de a leitura de romances ter a capacidade de mediar modelos morais, configurando, reafirmando ou contestando valores também oferece ao mesmo tempo novas formas de congregar desigualdades de gênero. Assim, há uma série de diversidades de experiências incorporadas que pode ser implicada na constituição de sentimentos em sua articulação com discursos morais, cabe-nos, pois, nos debruçarmos sobre situações específicas, como foi feito aqui, para refletir sobre os seus desdobramentos na vida social.

Referências

ANDRADE, Roberta Manuela Barros de; FEITOSA, Ricardo Augusto de Sabóia. A cultura emotiva das comunidades virtuais de leitura de livros de amor IN: **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 17, n. 51, p. 91-104, dezembro de 2018

ANDRADE, Roberta Manuela Barros de; SILVA, Erotilde Honório. A Pedagogia Social dos Romances de Amor dos “Tempos da Vovó” IN: **Revista Tensões Mundiais**. Fortaleza: Ed. UECE, 2015.

ANDRADE, Roberta Manuela Barros de; SILVA, Erotilde Honório. O Consumo de Romances e o Universo Feminino: As práticas de Leitura dos Livros do Coração. **Interin** (UTP), v. 15, p. 50-63, 2013.

ANDRADE, Roberta Manuela Barros de; SILVA, Erotilde Honório. Os Romances Sentimentais e suas Comunidades de Leitura. **O público e o privado**, v. 24, p. 119-134, 2014.

ARAUJO, Maria de Fátima. A difícil arte da convivência conjugal: a dialética do amor e da violência. IN: FÉRES- CARNEIRO, T (org). **Família e casal**: arranjos e demandas contemporâneas. Rio de Janeiro/São Paulo, Editora PUC RIO/ Edições Loyola, 2003.

ARIÈS, Pierre. O amor no casamento. In: ARIÈS, P. e BÉJIN, A.(Orgs). **Sexualidades Ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOLTANSKI, Luc. **Distant Suffering**: Morality, Media and Politics. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

CALHOUN, Cheshire; SOLOMON, Robert. Qué es una emoción? **Lecturas clásicas de psicología filosófica**. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

DONNAN, Hastings; MAGOWAN, Fiona. **The anthropology of sex**. Oxford/New York: Berg, 2010.

CASTILLAS DEL PINO, Carlos. **Teoría de lossentimientos**.Barcelona: Tusquets Editores, 2003.

CHARTIER, Roger. Du livre au livre. In: **Réseaux**. Paris: Editions Rivages, volume 6 n°31. pp. 39-67, 1988.

DANTAS-BERGER, Sônia Maria; GIFFIN, Karen. A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual? IN: **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 21 (2), mar-abr, 2005.

ELIAS, Norbert. **O Processo civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar, vol.01, 1995.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

ILLOUZ, Eva. **El consumo de la utopia romântica**. Buenos Aires: Katz Editores, 2009.

ILLOUZ, Eva. **Why love hurts**: a sociological explanation. Cambridge: Polity Press, 2012.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Introdução à sociologia da emoção**. João Pessoa: Manufatura, 2004.

KOURY, Mauro Pinheiro Guilherme. **A Sociologia da Emoção**: O Brasil urbano sob a ótica do luto. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MALINOWSKI, Bronislaw K. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Ed. Abril, 1978.

MULLER, Andrea Correia Pariso. Moral e arte literária no século XIX: o romance sob suspeita. IN: **Polifonia**, Cuiabá, MT, v. 20, n.28, jul dez, 2013.

REGIS, Pamela. **A Natural history of the Romance Novel**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2007.

ROBBINS, Joel. Cultural Values. In: FASSIN, Didier (Ed). **A Companion to Moral Anthropology**. Oxford: John Wiley& Sons, Inc, 2012.

SILVA, Paulo Sérgio. **Leitoras indiscretas visitam as bancas**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). São Paulo: Departamento de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo, 1994.

THROOP, C. Janson. Moral Sentiments. In: FASSIN, Didier (Ed). **A Companion to Moral Anthropology**. Oxford: John Wiley& Sons, Inc, 2012

WERNECK, Alexandre. Sociologia da moral como sociologia da agência. IN: **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v.12, n.36, dezembro de 2013.

ZIGON, Jarrett. Narratives. In: FASSIN, Didier (Ed). **A Companion to Moral Anthropology**. Oxford: John Wiley& Sons, Inc, 2012.

Recebido: 15/04/2019

Aceito: 31/10/2019